DOI: 10.12957/transversos.2024.81574

QUILOMBAGEM E PRÁXIS NEGRA: ANTIRRACISMO E PROTAGONISMO NEGRO NA OBRA DE CLÓVIS MOURA.

QUILOMBAGEM AND BLACK PRAXIS: ANTIRACISM AND BLACK PROTAGONISM IN THE WORK OF CLÓVIS MOURA.

Wanessa Horrana Francisca da Silva
Universidade Federal da Paraíba
profwanhist@gmail.com

Resumo:
Este artigo tem como objetivo analisar como o intelectual negro, Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003), constrói sua tese sobre a participação ativa e dinâmica do negro brasileiro no processo de abolição e construção da formação nacional. Intelectual orgânico, Moura produziu ao longo de suas pesquisas, o que podemos chamar de práxis negra, em outras palavras, isso significa que teoria e prática política nunca estiveram separadas em sua obra e sua vida. Ao teorizar que o fim da escravidão está ligado diretamente a Quilombagem, ele inaugura uma historiografia diferente da eurocêntrica, contribuindo significantemente para os estudos das relações raciais no Brasil. Para fundamentar análises e reflexões, será utilizada os textos de Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas (1959), *Sociologia do negro brasileiro* (1988) e *História do Negro Brasileiro* (1989), destacando o antirracismo da sua obra.
Palavras-chave: Quilombagem; Práxis Negra; Inelectual Negro; Antirracismo.

Abstract
This article aims to analyze how the black intellectual Clóvis Steiger de Assis Moura (1923-2003) constructs his thesis on the active and dynamic participation of the Brazilian black population in the abolition process and the construction of national identity. As an organic intellectual, Moura developed what can be referred to as black praxis throughout his research. In other words, theory and political practice were never separated in his work and life. By theorizing that the end of slavery is directly linked to Quilombagem, he inaugurates a historiography distinct from the Eurocentric perspective, making a significant contribution to the study of racial relations in Brazil. To support analyses and reflections, we will refer to his works such as Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas (1959), *Sociologia do negro brasileiro* (1988), and *História do Negro Brasileiro* (1989), highlighting the anti-racist aspects of his work.
Keywords: Quilombagem; Black Praxis; Black Intellectual; Antiracism.

1. Introdução

Nascido em Amarante, no Piauí, Clóvis Moura inaugura a historiografia sobre as lutas escravas no Brasil, oferecendo uma contribuição significativa para a compreensão da história da população negra e para os estudos das relações raciais. Em *Rebeliões da Senzala* (1959), Moura busca apresentar à população uma visão crítica, reivindicativa e até mesmo revolucionária de seus antepassados. Ele conduz seu trabalho em oposição às correntes dominantes na sociologia e historiografia da época. Na Bahia, inicia as pesquisas que culminaram no seu emblemático livro *Rebeliões da Senzala* (1959), preocupava-se em realizar um trabalho consistente e verdadeiramente inovador. É importante ressaltar que as pesquisas se iniciaram em 1948, anos antes da primeira publicação do livro.

Em cartas a outros intelectuais, Moura descreve a dificuldade de encontrar fontes que o ajudassem a construir um texto que pudesse demonstrar a visão da história do Brasil através de lutas populares, da luta do povo negro.

> Simpatizo também com suas dificuldades em obter leituras nas ciências sociais. Em pacote separado, envio um exemplar de mais um "survey" nosso, publicado esta vez na "Revista do Museu Paulista". Adicionei o seu nome à lista de destinatários para receberem publicações da "Biblioteca de Ciências Sociais", que presumivelmente poderei distribuir no Brasil, a bibliotecas públicas e a pessoas especialmente interessadas no assunto (...). Quanto às pessoas com quem poderia se corresponder, sugiro as seguintes: Professor Oracy Nogueira, Dr. Octavio da Costa Eduardo, Fernando Altenfelder Silva, Juarez Lopes, Carlos Borges Teixeira, todos com endereço igual ao meu; Joaquim Costa Pinto, caixa postal 349 Salvador, Bahia; Professor Luis de A. Costa Pinto, Rua Oliveira Lima, 67 – Ap. 101 Grajaú, Rio de Janeiro, DF[1].

Depois de começar suas investigações na Bahia, buscando informações, livros, materiais e documentos através de inúmeras cartas enviadas a colegas e outros intelectuais, Moura percebeu as dificuldades inerentes à realização de sua pesquisa no interior da Bahia. Esse desafio foi um dos motivos que o levou a transferir-se para São Paulo em 1950. Além das oportunidades profissionais e intelectuais mais vantajosas, Moura reconheceu que São Paulo abrigava as principais editoras e contava com numerosos jornais, facilitando a comunicação com outros pesquisadores, como Caio Prado Junior e Florestan Fernandes.

Ao iniciar sua trajetória em São Paulo, Moura estreitou ainda mais seus laços com a intelectualidade paulistana, tanto por meio do PCB quanto do jornalismo. Ele atuou em diversos jornais importantes da cidade, sendo redator do jornal *Última Hora*, fundado e dirigido pelo

[1] Carta de Donald Pierson, 19/05/1948. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 4. Grupo 1: Correspondências. Série 2: intelectuais. Cartas recebidas: 1946-2002

jornalista e empresário Samuel Wainer, um periódico de grande circulação, durante o período entre 1952 e 1958. Simultaneamente, até 1955, desempenhou a função de secretário de redação na revista cultural *Fundamentos*. A jornada de Moura no jornalismo não apenas garantiu sua subsistência, mas também lhe proporcionou experiência valiosa. Isso não só facilitou a elaboração de sua obra, mas também fortaleceu seus laços com intelectuais e seu amadurecimento político. Além disso, reforçou seu compromisso de dar continuidade ao campo intelectual, conferindo-lhe independência e autonomia em relação à institucionalização acadêmica. Vale ressaltar que ele nunca fez parte do meio acadêmico, pelo contrário, criticava severamente o modelo engessado da "elite" acadêmica. Contudo, avaliar a contribuição de Clóvis Moura no jornalismo não é tarefa fácil, principalmente devido a várias razões.

> Não se pode traçar um paralelo entra a vida e obra de Moura sem trazer as considerações de Teresa Malatian, a historiadora vem desenvolvendo pesquisas sublimes sobre a obra e vida de Clóvis Moura, destaco a publicação de 2022, intitulada Clóvis Moura: *uma biografia*, ela traça aspectos da vida e obra, além da rede de sociabilidade construída por Moura ao longo da sua vida, intelectuais com que manteve trocas e vínculos que o ajudaram em suas pesquisas, para Teresa o desafio dessa biografia intelectual está justamente na diversificada produção, seu engajamento político e sua trajetória na militância, pois, não se trata de uma versão unidimensional presentes na construções biográficas. Malatian não faz apenas uma construção lógica e cronológica da vida de Moura, iniciando em Amarante no Piauí, passando pela Bahia, São Paulo e seu emblemático Rebeliões da Senzala, ela demonstra caminhos para novas pesquisas, aponta a vasta gama de cartas disponíveis e seus variados assuntos, além de diálogos estabelecidos com os vários intelectuais da área das ciências humanas, essa interdisciplinaridade estabelecida por Clóvis Moura foi importante para desenhar suas contribuições sobre os aspectos sócio-histórico do Brasil.

Em primeiro lugar, ele era um intelectual interdisciplinar, dialogando com a história, sociologia, jornalismo e literatura. Em segundo lugar, era um pensador independente, que não se submeteu às imposições institucionais e políticas. Ele não se calou diante da falta de discussão racial em seu próprio partido, o que resultou em seu afastamento. Moura foi um intelectual "livre, solto nas franjas da interdisciplinaridade" (Pereira 2011 apud MOURA Clóvis, 2011, p.9), desvinculado institucionalmente de qualquer órgão acadêmico, talvez um dos motivos pelos quais sua obra ainda não receba o reconhecimento merecido. Sua participação no campo do jornalismo

desempenhou um papel crucial na expansão de sua rede de contatos. Jornais predominantemente alinhados à esquerda serviram como espaços para debates sobre cultura, atividades políticas e editoriais, refletindo a agenda comunista apoiada em nível internacional.

Sua dedicação e trajetória no jornalismo foi composta também pela sua investidura em lançar uma revista, em 1951 com a participação da sua irmã Maria do Rosário, a revista *FLAMA* era lançada na cidade de Araraquara no Estado de São Paulo, com uma direção mais progressista a revista se dedicava em assuntos da vida social, artística, esportiva e política do município, com interesse diverso entre reportagens, com colaboração de outros lugares do país com notícias nacionais e também internacionais. É interessante ressaltar que tanto a revista quando Clóvis Moura precisaram trabalhar de certa forma na ilegalidade, já que com um conteúdo mais progressista e sendo um sócio alinhado com a ideologia comunista, foi duramente investigado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), não só ele, como todos os membros da revista em 1952, esse momento não foi o único no qual Moura sofreu perseguição e investigação da polícia repressora, quando se une a intelectuais negros para denunciar os casos de racismo no Brasil e ao participar da fundação do MNUCDR (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL), que posteriormente se tornaria o MNU (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO) em 1978.

> [...] esconde no fundo, um movimento que observamos de longa data, através de conhecidos militantes de esquerda como Florestan Fernandes e Clóvis Moura, membros do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas [...] que tentam agitar a questão com um movimento de cunho socialista, inspirado nos Panteras Negras, grupo que nos Estados Unidos, tem se notabilizado pelas ações radicais e violentas[2].

Junto ao seu comprometimento com a crítica literária, Moura direciona seus esforços para a história e sociologia, contribuindo significativamente para evidenciar que a população negra não era apenas um objeto de estudo, mas um agente ativo, "com um passado radical e dinâmico e, especialmente, como construtora da nação brasileira". De fato, esse é o aspecto fundamental no pensamento de Clóvis Moura quando se trata das relações raciais: uma visão dialética da construção e das transformações da sociedade, baseada na contribuição teórica de Karl Marx ao analisar a realidade social, os diversos momentos e movimentos da sociedade, compreendendo os processos e estruturas.

Quando lança seu primeiro livro, Moura revoluciona o debate sobre a história da

[2] Relatório sobre Ato Público Contra o Racismo, da Divisão de Informação do Deops, de 7/1978, fl.2. Dossiê 14632ª. DEOPS/SP, DAESP.

população negra e seu papel da luta por emancipação, ao teorizar a quilombagem como norte para o fim da escravidão, ele coloca o protagonismo na população marginalizada, retirando-o o véu de passividade que pairava em diversos escritos da época.

2. *Rebeliões da Senzala* e a renovação historiográfica.

> Publicado em 1959, Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreição, guerrilhas significou verdadeiro salto epistemológico na leitura do passado brasileiro, ao destacar inequivocadamente o caráter escravista da antiga formação social brasileira e sua dominância pela contradição trabalhador escravizado versus senhores de escravo. Essa correta compreensão permitiu ao autor apresentar, baseado sobretudo em informações esparsas conhecidas, o caráter sistêmico das resistências escravas no Brasil pré-1888 (MAESTRI, 2003, p. 55).

A mudança epistemológica e a ruptura da narrativa paternalista e eurocêntrica é o que faz o livro ser tão importante para a renovação historiográfica sobre as lutas escravas e as relações raciais no Brasil[3]. Ao apresentar a população negra como protagonista de sua própria história e desafiar uma perspectiva ortodoxa da escravidão, que retratava os escravizados como submissos e obedientes, Moura descreve as batalhas lideradas por eles na busca pela emancipação. Isso resulta na desmistificação da abolição da escravatura, questionando a narrativa que a vincula exclusivamente a um ato festivo e simbólico da "salvadora" princesa Isabel, trazendo á luz as batalhas profundas ocorridas no Brasil no período do escravismo e demonstrando os pilares da resistência a escravidão, Clóvis Moura torna-se um intelectual que se distancia dos estudos folclóricos e culturalistas das pesquisas até então realizadas sobre o tema.

Dessa maneira, o intelectual piauiense destaca a presença da colonialidade nos saberes acadêmicos brasileiros. Esses saberes, permeados pelo racismo epistêmico, reforçam perspectivas que objetificam e subalternizam a população negra, ignorando as contribuições teóricas e políticas da diáspora africana, "que de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, refletia os interesses das estruturas do poder dominante". (MOURA, 1990, p. 216). O negro é frequentemente percebido de maneira desumanizada, negligenciando sua identidade como ser humano e, assim, validando um discurso acadêmico conservador em relação às estruturas sociais e raciais, embora "as culturas negras criaram mecanismos de defesa contra a escravidão e os seus valores, a partir dos seus próprios valores e padrões culturais". (MOURA, 1989, p. 37).

Na dedicação de escrever sua pesquisa com uma interpretação histórico-sociológica da

[3] O lançamento da primeira edição do livro foi realizado em uma cerimônia oficial na UBE (União Brasileira de Escritores. UBE foi criada em 1958, sendo resultado da junção da Sociedade Paulista de Escritores com a Associação Brasileira de Escritores (ABDE).

formação do brasil, Moura extrai da contribuição marxista uma visão dialética da transformação da sociedade, compreende que as relações, processos e estruturas dominantes explicam uma série de fatores relacionados a situação de exclusão e marginalização da população negral atual.

Sua teoria de incluir o negro como sujeito e não mais como um objeto de estudo, afastado da realidade empírica do acontecimento, quase como um coadjuvante folclórico é sua noção de práxis, a escrita e análise de Moura sobre a formação nacional traz uma interpretação marxista sobre a relação senhores versus escravizados, ele amplia a discussão sobre a formação histórica brasileira.

> O negro não é visto como simples tema: é tomado como compromisso e, ao mesmo tempo, em sua evidência de sujeito histórico. Isso inaugura em espaço político próprio, a que se pode chamar movimento. Para que se note o movimento e o político inseridos em Clóvis Moura, convém lembrar que Rebeliões da Senzala foi escrito em época de militância direta do partido comunista do Brasil e um dos objetivos era contrapor-se ao Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre (ALMEIDA, 2003, p. 3).

A teoria afirmada por décadas, de conciliação e submissão existente nas senzalas e no cotidiano do "trabalho" nas fazendas e casa grande foi aceita e replicada sem que houvesse críticas contundentes a essas afirmações, esse mito de "paz" serviu para que a sociedade aceitasse seu passado escravista de uma maneira mais branda e que não refletisse efetivamente sobre seu acontecimento. A obra de Gilberto Freyre Casa grande e Senzala, perpetua uma visão quase que monolítica do passado escravista no Brasil, o patriarcalismo e paternalismo existente no livro de Freyre não contempla a verdade do processo das lutas dos escravizados para sua libertação, reduz e minimiza-os a subordinados, não tendo capacidade política e intelectual para se organizar.

> Também é uma característica do pensamento social brasileiro, a tentativa da proposição de uma identidade nacional que redefinisse e criasse a possibilidade de amalgamento entre brancos, negros e indígenas. Pressupões, portanto, uma profunda reflexão sobre relações raciais, sobretudo, quando da discussão sobre a conformação do povo brasileiro. (FARIAS, 2019, p. 59).

Tentativas de apagamento e silenciamento á memoria da escravidão foi e é uma estratégia bem estruturada e definida principalmente por governos conservadores e liberais, que tentam sistematicamente mudar a narrativa histórica da escravidão, que leva a negação de direitos a população negra. O pacto da branquitude parece inabalável com seus privilégios, apoiado por uma política hegemonicamente branca, se cerca de aparatos jurídicos também comandados em sua maioria por ricos e brancos, estruturando os ambientes sociais, econômicos e administrativos do país, tornando o acesso da população negra a esses lugares ainda mais

difícil[4].

> O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem os seus adventos do racismo (GONZALEZ, 1979, p. 26-29).

O mito da "democracia racial" foi e ainda é usado como sustentação argumentativa para que não fosse debatido as origens das desigualdades raciais no país, norteador desse mito, o escritor pernambucano Gilberto Freyre sustentou a ideia do colonizador português pacifico e benevolente, quase como um pai, para seus escravos, e que a miscigenação no Brasil teve um caráter mais harmonioso, essas afirmações sustentaram o mito dessa falsa democracia racial no país, ela homegeniza as relações entre brancos e negros, e foi norteadora durante décadas dos estudos das relações raciais e da formação nacional no Brasil.

Portanto, a obra Rebeliões da Senzala de Clóvis Moura, não só demonstra a ineficácia de condensar a relação de escravizados e senhores sob a ótica do paternalismo e submissão, como também reflete uma mudança historiográfica que foi capaz de abrir um debate profundo sobre essas relações, tornando possível uma epistemologia comprometida no campo da luta antirracista, tornando-se uma das mais importantes obras para entender o histórico da escravidão.

> Assim, embora preocupando-se com a revelação maior dos processos de luta e resistência dos negros, elabora estudos etnológicos e antropológicos, desvendando múltiplos aspectos da vida e das lutas dessa camada da sociedade brasileira. E de tal sorte aprofundou-se nos estudos, que ultrapassou a fase finda em 13 de maio de 1888, prosseguindo no exame da vida dos negros depois da abolição da escravatura que, na república, continuaram vítimas da exploração do preconceito racial, chegando a frisar íntima vinculação, entre as figuras do negro e do trabalhador, de tal modo a caracterizar a sociedade brasileira como sociedade dos brancos, sufocadora das possibilidades e melhorias das condições de vida dos ex-escravos (SAMPAIO, 2003, p. 158).

Colocando muitas vezes como um ser facilmente manipulado e que precisaria de um "senhor" para lhe dizer o que fazer, os escravizados não lutaram apenas as guerras dos seus senhores, a exemplo das ocorridas na colônias e república, mas conseguiram se articular tanto politicamente quanto intelectualmente para protagonizar as próprias batalhas.

A tática que se complementa com os quilombos, mas independente da sua estrutura,

[4] Em seu livro "O pacto da branquitude" (2022), Cida Bento aborda como, ao longo da história, a branquitude tem se calado em relação ao passado escravagista e colonial, assegurando benefícios para os membros desse grupo, enquanto reserva lugares de subalternidade para a população negra e pobre.

foi a guerrilha, se disseminou por todo o território nacional quer tenha ou não um quilombo perto, sendo menos numerosa, e móvel, diferente dos quilombos, o grupo que se concentrava nas guerrilhas tinha um papel extremamente importante, pois, combatiam nas estradas, roubavam mantimento e objetos que o quilombo não produzia, era uma organização que buscava meios de fortalecer os quilombos e a si próprio, combatendo as tropas legais e os capitães do mato.

As características das lutas escravas eram extremamente organizadas, a exemplo da revolta dos malês, na Bahia, a insurreição armada no Maranhão em 1839, essas são apenas alguns exemplos da organização política dos escravizados, é importante salientar que a rebeldia contra a escravidão surgia em qualquer lugar onde o trabalho servil se apresentasse, as guerrilhas foi força importante para o desgaste do regime escravista.

> Será esse sistema de guerrilhas certamente o mais indicado para as condições da época, a região e os objetivos da luta e o que maiores frutos produzirá. Muitas vezes o governo organizara expedições de envergadura, principalmente nos fins do século XIX, contando esmagar definitivamente os escravos sublevados. [...]. Os escravos haviam batido em retirada para mais longe, "avisados a tempo" – apenas perderam grande porção de sebo de gado, cordas, alimentos, etc. A amizade e a proteção que quase todos os escravos dos engenhos votam aos quilombolas são sérios obstáculos: dão não só aviso como guarida no caso de qualquer emergência, mesmo dentro das senzalas. (MOURA, 1981, p. 121).

A rede de sociabilidade encontrada pelos fugitivos e rebeldes foi um instrumento importante para a consolidação e duração das revoltas, guerrilhas e a permanência dos quilombos, essa rede se apresentava das mais variadas formas, seja os próprios escravizados nas senzalas e casa grande, homens e mulheres livres, forros e até brancos comerciantes, que vendiam e trocavam objetos, armas e comidas.

É importante compreender o papel desempenhando pelos abolicionistas e suas façanhas em findar a escravidão, mas de fato, sem a luta dos escravizados o processo de libertação não teria acontecido naquele momento, o desgaste que o regime sofreu por parte dos escravizados, contribuiu diretamente para o processo de abolição. Esse protagonismo presente em *Rebeliões da Senzala*, assume definitivamente um papel importante na historiografia, a contradição e o dinamismo presente na sociedade revela muito mais do que um paternalismo atribuído aos escravizados[5]. (FARIAS, 2019) destaca a importância das respostas contida no *Rebeliões da Senzala* sobre as questões que afligem o país, para ele, o livro alicerça a singularidade da participação

[5] O papel desempenhando pelos abolicionistas a exemplo de Joaquim Nabuco e o próprio Luís Gama, filho de escravizada, foi extremante importante e se somou a luta dos escravizados no processo de abolição.

negra na formação do país e das suas contradições capitalistas, a obra mouriana demonstra que é nessa contradição interna entre escravo *x* senhor que encontramos a gestação da formação nacional, "originalmente contraditória não só em termo estruturais, mas também em termos políticos". (FARIAS, 2019, p. 70).

As dinâmicas politicas construídas pelos escravizados determinaram significantemente a configuração social culminando no processo de abolição, Clóvis Moura, descreve em linhas e interpretação singular o processo de construção de uma identidade nacional, que por muito tempo ninguém ouvia falar, ao romper com uma visão conservadora e liberal dos acontecimentos, Moura demonstra sua capacidade de interpreta a realidade histórica através de fontes e uma dialética que se compromete com a dinâmica social.

3. Quilombagem, o desgaste do regime escravista.

> O fenômeno da quilombagem, achamos nós, tem como epicentro o quilombo, mas nele podem ser englobadas todas as manifestações de resistência da parte do escravo. [...]. Por esses motivos é um movimento abrangente e radical. Nele se incluem não apenas negros fugitivos, mas também índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral, bandoleiros, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar, mulheres sem profissão, brancos pobres e prostituas. (MOURA, 1989, p, 25).

A quilombagem emerge como uma expressão tangível do conflito de classes naquele contexto histórico, caracterizando-se como um centro de poder alternativo que desestabilizava o sistema econômico baseado no latifúndio e na escravidão, questionando sua estrutura produtiva e rejeitando sua forma de organização do trabalho, a partir dessa dinâmica, surge novos níveis de interação entre senhores de escravos e os escravizados, embora não no sentido de um diálogo voltado para a conciliação ou resolução de conflitos. Na verdade, esses encontros expunham as contradições fundamentais da base material da escravidão. Isso deu origem a uma outra forma de organização entre os escravizados que, na prática, questionava a própria desumanização imposta sobre eles.

O fenômeno da quilombagem antecede o movimento abolicionista liberal e tem caráter radical, não há mediação com a classe senhorial, o posicionamento rebelde, violento seja individual ou não, e tinha o quilombo como centro organizacional dessa resistência quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica. Portanto, para Moura a quilombagem era uma constelação de movimentos de protesto escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam as demais formas de rebeldia. Para (GOMES, 2022, p. 67), ao reescrever a história do quilombo a partir deles mesmos, das supostas ausências,

já que não eram tidos como livres, iguais e humanos, Moura ressignificou o valor histórico da quilombagem.

> Se o quilombo foi um módulo de resistência radical ao escravismo. A quilombagem — o continuum dos quilombos através da história social da escravidão — foi um processo de desgaste permanente do sistema. [...] A quilombagem deve, por isto, ser vista como um processo permanente e radical entre aquelas forças que impulsionaram o dinamismo social na direção da negação do trabalho escravo (MOURA, 2001, p, 110).

Escravizados fugidos se caracterizavam como ação do bandoleirismo, podendo ser de forma individual ou em grupos, esses atacavam povoados, estradas, mercados e devem também ser incluídos no processo da quilombagem.

> O fenômeno da quilombagem, achamos nós, tem como epicentro o quilombo, mas nele podem ser englobadas todas as manifestações de resistência da parte do escravo. [...] Por esses motivos é um movimento abrangente e radical. Nele se incluem não apenas negros fugitivos, mas também índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral, bandoleiros, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar, mulheres sem profissão, brancos pobres e prostituas. (MOURA, 1989, p, 25).

Fugitivos perseguidos pelo sistema colonial, encontrava no quilombo uma maneira de ser socialmente aceito, destaco que homens e mulheres livres e forros, também se uniam socialmente no núcleo do quilombo, demonstrando em suas mais variadas manifestações o contínuo social que habitava aquele lugar. A quilombagem não é um processo único e nem regional, mas um movimento que se articulou por todo o território brasileiro desde o início da escravidão e se estendeu por todo o período do trabalho escravo "desarticulando-o constantemente, e assume, muitas vezes, aspecto ameaçador para a classe senhorial, como no caso da República de Palmares" (MOURA, 1989, p. 25).

> Como vemos, a quilombagem aliava-se aos elementos marginalizados c criminalizados pelo regime escravista. Isto aconteceu não apenas em São Paulo, mas em todas as áreas de protesto escravo, O quilombola nunca foi um isolado, mas um elemento que se compunha e se articulava socialmente com os demais grupos ou segmentos oprimidos. (MOURA, 2001, p. 277).

Com uma dinâmica diversa dentro e fora dos quilombos, os personagens desse fenômeno percorreram uma difícil e duradoura batalha que só foi possível pela movimentação política, perspicácia e sobretudo uma rede de sociabilidade, a união frente aos algozes. Embora, por muito tempo a historiografia não tenha abordado a relação indígena escravizado e negros escravizados, Moura destaca que no processo da quilombagem, que as pequenas rebeliões contavam com indígenas evadidos, escravizados fugidos, banditismo quilombola e que esse processo não se restringiu a um ou poucos estados, a união e organização contra fazendeiros, se estendeu por todo o território nacional que houve atividade escravista.

O conceito de Clóvis Moura, emerge paralelamente ao de Quilombismo de Abdias do Nascimento. A diferença entre eles, é que para Moura, quilombagem é um movimento político-social, dirigido pelos próprios negros contra a sociedade escravista e representam uma de suas classes fundamentais, já o Quilombismo, conceito de Abdias, é uma doutrina política dos afro-brasileiros que:

> Tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalecentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo (...). Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos do sistema, articulando os diversos níveis da vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano (NASCIMENTO, 1980, p. 264)

O comunitarismo proposto por Abdias, estaria inserido na perspectiva que envolve associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, escolas de samba, como modelos de organização que são reestruturadas ao longo do tempo histórico. Embora esteja preocupado em demonstrar na perspectiva histórica o conjunto de realizações negras, Clóvis Moura diverge de Abdias Nascimento na perspectiva ideológica. Pesquisas mostram que, no contexto da luta internacional contra o racismo, Abdias se engajou com diferentes correntes do pensamento pan-africanista que criticavam certos aspectos da perspectiva marxista predominante no século XX, a qual, por longo tempo para ele, negligenciou a importância política do racismo como elemento central na luta de classes. (SOUZA, 2016, p. 206) descreve bem a relação de Nascimento com o marxismo: "No seu livro O quilombismo, (...) ele emitiu severas críticas ao marxismo, sustentando que esse pensamento em nada contribui para a luta social do povo negro. Este intelectual sustentava tal posição afirmando que os marxistas não davam a relevância devida ao racismo, sempre o subestimando em decorrência da determinação de classe". Percebemos então essa contradição no que tange à obra e o pensamento de Abdias Nascimento e de Clóvis Moura, se por um lado Moura utiliza-se do marxismo e "o enegrece", por outro, Nascimento busca "demonstrar a estratificação racial impede que os africanos e afrodescendentes tenham o conhecimento mútuo de suas realidades e também dificulta o desenvolvimento de qualquer tipo de integração entre esses povos" (TEIXEIRA, 2021, p. 15).

Clóvis Moura permaneceu comprometido com o marxismo como um quadro analítico. Como observado, Clóvis Moura baseia-se na materialidade histórica para contestar a ideia mitológica de uma suposta passividade do povo negro, desenvolvendo uma interpretação robusta das formas de resistência diante da exploração e da escravidão. Beatriz Nascimento

também abordou a continuidade histórica e o papel ontológico dos quilombos como catalisadores das lutas negras contemporâneas. (NASCIMENTO, 1985) assume uma posição teórica comprometida, assim como Moura, quando se propõe a estudar a "continuidade histórica do quilombo", ela questiona o local histórico que a população negra foi posta, ao centralizar o quilombo como lugar de luta, resistência e lugar de criticidade.

Foi no decorrer do século XVIII que a insatisfação com a estrutura social vigente reúne uma parte da população que contava com outros grupos e segmentos sociais, além dos que já estavam inseridos na luta contra o sistema colonial, esse processo foi crucial para manter a defesa e a luta contra a escravidão, a relação desses indivíduos com contrabandistas, pequenos proprietários locais, mascates e regatões foi importante e necessária para a própria sobrevivência e a do quilombo, embora alguns desses não estivessem inseridos no sentido político da luta a exemplo dos contrabandistas, os escravizados agiam em seu benefício ao relacionar com eles.

As fugas e revoltas ao mesmo tempo que aumentava a força repressiva do estado a desgastava, tanto financeiramente quando psicologicamente, o terror de ter suas casas e comércios invadidos colocavam no estado a tarefa de combater e proteger, o enfraquecendo. Os quilombos precisavam de um nível organizacional muito parecido com o que aconteceu em Palmares, para isso era necessário conseguir armas, pólvora e objetos que ajudasse na defesa e luta, dessa forma, a relação com o externo do quilombo seja quem fosse, mas que tivesse disposto a fornecer o que eles precisavam entravam em sua rede de sociabilidade. A nova realidade social que eles tanto buscavam causava danos físicos e psicológicos, danos esses que não podem ser mensurados nos relatos oficiais tamanha desumanização por parte dos senhores.

> Essa ligação geral do escravo aquilombado com outros grupos sociais oprimidos não se dá por acaso. O escravo quer em Minas, quer nas outras áreas, tinha necessidade de assim proceder para poder sobreviver. O escravo mineiro, por exemplo, ligava-se com muita frequência ao faiscador e ao contrabandista de diamantes e ouro, com eles mantendo um comércio clandestino, que era severamente combatido. Em face dessa concordância de interesses, os contrabandistas prestavam serviços aos quilombolas, informando-os das medidas tomadas pelo aparelho repressivo. (MOURA, 1987, p. 25).

Esse intercâmbio possibilitou não só ganho bélico para os quilombos, como em Palmares, mas a atividade mercantil e produtiva pelas unidades populacionais permitiu uma longa duração da ocupação desses quilombos. Chamamos de quilombos ou mocambos no Brasil, mas nas Américas as comunidades quilombolas recebem nomes diferentes, na América Espanhola chamam *Cimarone*, no Haiti e ilhas do Caribe francês *Marrons*, na Jamaica, sul dos EUA e Suriname, chamavam *Maroons* e *Palenques* na Colômbia e Cuba, *Cumbes* na Venezuela.

Essa ação de resistência quer seja no Brasil quer seja em outros países que sofreram pelo regime escravocrata, esse esforço físico e mental de protesto contra a escravidão e suas sequelas recebeu o nome de quilombagem (MOURA, 2001, p. 113).

> Neste caso, os escravos se comportaram não como elementos alienados, mas como seres que não apenas adquiriram um certo grau de consciência social que negava o estatuto escravocrata, como também transmitiam de geração a geração esse grau de consciência crítica. [..]. Mas os resultados obtidos pelos escravos em suas lutas não devem ser julgados pelo êxito ou fracasso destes conflitos abertos, que, a rigor, mais revelam do que realizam. Os atos de rebeldia declarada e aberta são como o vapor que escapa ruidosamente da máquina; há que ini-lo como um índice da pressão existente no seu interior. Esse índice de pressão no interior do sistema escravista e os seus pontos extremos que se traduzem nas revoltas referidas são considerados por muitos, no entanto, como simples movimentos atípicos, que não caracterizam o sentido da nossa história e o conteúdo das relações entre senhores e escravos no Brasil. (MOURA, p. 88, 1987).

Ao longo de todo o período do regime escravista, a quilombagem marca presença, adaptando-se conforme o ambiente em que está inserida, seja por meio de grandes ou pequenos quilombos, em diversas regiões. O trabalho livre desempenhado pelo quilombola, seja na mineração, nas pequenas agriculturas ou em diversas formas de subsistência, repudia e contesta o trabalho escravo, constituindo-se como um ato desestabilizador da economia escravista. A quilombagem atua como uma força que mina continuamente as bases da escravidão, recusando-se a aceitar ou integrar-se ao sistema. Suas lutas, vitórias, derrotas e estratégias de sobrevivência, aliadas ao enfrentamento as forças repressoras, desgastam efetivamente o sistema. Isso ocorre ao reduzir seu contingente e abalar sua segurança, tanto fisicamente quanto psicologicamente, gerando temor entre senhores e forças repressivas.

> Nesse trajeto histórico que a quilombagem percorre, os choques, as assimetrias com o sistema, as lutas, as vitórias, a destruição das suas unidades, as estratégias de enfrentamento ou recuo atuam como uma peça desgastadora e permanente do sistema. Diminui a eficiência e segurança. Onera-o pela perda do escravo e a perda do seu trabalho, além da insegurança que cria em todos os ramos de atividade. Cria a síndrome do medo que irá acompanhar os senhores durante todo o tempo de atividade da quilombagem. Ela é um multiplicador psicológico colocando o senhor em permanente defensiva, na expectativa de ação do inimigo (MOURA, 2001, p. 111).

Para (MOURA, 2001, p. 110), a quilombagem é um símbolo permanente de desarticulação dos valores ideológicos e existenciais do senhor de escravos. A quilombagem coloca em pauta uma discussão do ponto de vista ideológico e filosófico, já que, ao discutir sobre as fugas e como a melhor maneira de castigar e incriminar, o escravo deixa de ser coisa, e passa a ser uma pessoa com alma, um ser que passa a ser debatido do ponto de vista jurídico, se é legal ou ilegal a forma de conduzir um julgamento.

A quilombagem constrói um dinâmica diferente do regime escravista, quando diverge do sistema de casta, senhor versus escravo, dentro do universo quilombola ela apresenta camadas variadas. Para Moura, a quilombagem tem seu ciclo histórico ao fim da abolição, já que seu propósito estaria cumprido.

> Este poder paralelo que se fragmentava e era destruído periodicamente se recompunha e se reestruturava, organizava-se, sobrevivia, vencia, era perseguido e novamente se recompunha com as próprias contradições do sistema escravista e era um fator dinâmico de desgaste permanente à ordem escravista. É, por isto, um Poder político-social que se contrapõe ao outro. O Poder dos senhores de escravos. O seu poder militar embora muitas vezes combatido se rearticulava e na conclusão do processo foi aquela força que mais atuou e demonstrou eficiência. A quilombagem, por tudo isto, foi a força que desgastou, sem interrupção o Poder escravista, foi o único movimento que se contrapôs com eficiência social, cultural e militar à escravidão, mesmo ocasionalmente derrotado. O Poder da quilombagem por isto, nunca foi definitivamente destruído e só terminou quando terminou a escravidão. (MOURA, 2001, p. 116).

Dessa forma, a quilombagem é um processo continuo e essa é a essência da sua radicalidade, é dessa maneira que podemos compreender o processo dialético da sua existência, ao perceber sua história política, cultural e sociológica. Assim sendo, a quilombagem se revela como um processo contínuo, sendo esta a essência de sua radicalidade. É dessa forma que podemos compreender o processo dialético de sua existência, ao examinar sua história política, cultural e sociológica.

4. Por uma práxis antirracista.

> A tradução do marxismo a partir da perspectiva do negro, no pensamento mouriano, tem como categoria-chave a noção de práxis. É a práxis considerada como ação de rebeldia e resistência violenta ao escravismo que confere ao negro um caráter e, por sua vez, torna-o sujeito. (OLIVEIRA, 2011, p. 50).

A obra de Moura está ligada a uma práxis revolucionária, em que o conhecimento não está apenas inserido ou condensando dentro da academia, mas em uma reflexão que compactue com a realidade sócio-político da agenda cultural negra. Pesquisa e teoria engajada com a transformação social e mudança prática de uma realidade de exclusão e marginalização da população negra.

> Como se pode ver, não quero que exista uma sociologia negra no Brasil, mas que os cientistas sociais tenham uma visão que enfoque os problemas étnicos do Brasil a partir do negro, porque, até agora, com poucas exceções, o que se vê é uma ciência social que procura abordar o problema através de uma pseudo-imparcialidade científica que significa, apenas, um desprezo olímpico pelos valores humanos que estão imbricados na problemática que estudam. Não observam que os seus conceitos teoricamente corretos (dentro da estrutura conceitual da sociologia acadêmica) coloca-os "de fora" do problema, não penetram na sua essência. (MOURA, 1988, p. 10-11.).

A presença de literatura racista nos estudos sociológicos, antropológicos e históricos

representa uma influência significativa na alienação do pensamento social brasileiro. Essa literatura tem suas raízes profundamente vinculadas à estrutura do sistema escravista, que, apesar de teoricamente superado, continua a deixar uma marca persistente e visível na sociedade.

Em suas pesquisas, Clóvis Moura demonstra a razão pela qual toda uma geração que segue o trabalho de Gilberto Freyre, tende a abordar de maneira individual e psicológica a questão racial. Trabalhos, predominantemente conduzidos por psiquiatras como Renê Ribeiro, Gonçalves Fernandes, Ulisses Pernambuco e Arthur Ramos, não apenas se inspiram na obra de Nina Rodrigues, mas também elaboram conceitos que associam problemas mentais, sociais, políticos e culturais a uma suposta deficiência racial.

A negligência em contar a luta do escravizado contra o aparelho repressor do estado, o coloca como um evento esporádico, solto e sem contexto, tornando a experiência sócio-histórica minimizada.

> O que caracteriza fundamentalmente esse período da nossa história social é a luta do escravo contra esse aparelho do Estado. E é, por um lado, exatamente este eixo contraditório e decisório para a mudança social que é subestimado pela maioria dos sociólogos e historiadores do Brasil, os quais se comprazem em descrever detalhes, em pesquisar minudências, exotismos, encontrar analogias, fugindo desta forma, à tentativa de analisar de maneira abrangente e científica as características, os graus de importância social, econômica, cultural e política dessas lutas. Toda uma literatura de acomodação sobrepõe-se aos poucos cientistas sociais que abordam essa dicotomia básica, restituindo, com isto, ao negro escravo a sua postura de agente social dinâmico, não por haver criado a riqueza comum, mas, exatamente pelo contrário: por haver criado mecanismos de resistência e negação ao tipo de sociedade na qual o criador dessa riqueza era alienado de todo o produto elaborado. (MOURA, 1988, p, 22).

Ao escolher manter um *status quo* de uma pretensa racionalidade atrasada, neutra e até mesmo racista, muitos intelectuais se acomodam em suas cadeiras e engrossam as fileiras das concepções estabelecidas por uma vanguarda reacionária e conservadora, que não mais atende as demandas da realidade. Ao pensar as contradições de classe e raça, o trabalho de Moura permeabiliza e estrutura as pesquisas com um norte antirracista, que dialoga com a realidade prática dos problemas sociais vivenciados pela sociedade, uma obra que se estende aos muros acadêmicos e dos gabinetes fechados.

> As diversas alternativas metodológicas que as ciências sociais acadêmicas apresentam para os problemas globais, sua diversificação que vai do empirismo às soluções culturalistas e irracionalistas, guardam, portanto, relação de subordinação com o regime do qual são uma constelação ideológica atuante. É evidente que não se trata de um reflexo mecânico e simplista, mas os seus modelos fundamentais são uma consequência do acervo de ideias que as classes dominantes sedimentaram e desenvolveram para dar cobertura, lastrear ideologicamente o regime. (MOURA, 1978, p. 53).

Dessa maneira, ao superar uma suposta neutralidade e findar antigas concepções

sociológicas, a práxis negra, a práxis sociológica, engajada e revolucionária, adota uma postura política de superação de uma metodologia arcaica que não articula dados a uma ação continua de superação de problemas que são apresentados.

Portanto, a sociologia da práxis, embora não deixe de ser uma sociologia de classe, altera sua dinâmica ao ser comprometida com a realidade, a ação prática da solução do problema encontrado, entende que o método teoria e prática tem um objetivo que é transformar a realidade social. A abordagem teórica assumida por Moura assume o traço critico à visão colonial sobre o negro, incorpora ao método dialético as singularidades da história da população negra no país.

A obra de Moura sintetiza bem o que podemos chamar de praxismo negro, ao revelar e se comprometer com a história de luta, organização, dinâmica, desenvolvimento e a colaboração da população negra na formação nacional, ele traz luz a potencialidade desses sujeitos. A Práxis Negra, para além de uma categoria de análise que demanda uma construção teórica dos processos de resgate da história da população negra, é uma prática transformadora e estratégica, pois não se limita em apenas construir teoria, algo fundamental no processo historiográfico, mas se sobrepõe com a propositura de alcançar uma construção prática de ações que empreendem modificar estruturalmente os problemas vivenciados pelo povo negro.

> A história do negro no Brasil, do tráfico à abolição, passando por períodos históricos de luta encabeçada pelo próprio negro escravizado e da abolição ao Brasil de hoje, se tornou, graças a este livro do Prof. Clóvis Moura, melhor formulada e reformulada do ponto de vista das vítimas, contrariando os pontos de vista da historiografia oficial ensinada até os dias de hoje em muitas escolas. Deste fato, o objetivo do autor é destruir mitos, as imagens e representações coletivas negativas ainda presentes na estrutura mental e no imaginário coletivo de muitos brasileiros para enfim, estabelecer a justiça histórica, devolvendo ao negro sua própria história.
> É justamente a partir de uma verdadeira história do negro brasileiro positivamente ressignificada na obra do professor homenageado que se pode iniciar o processo de resgate e de reconstrução da identidade coletiva do negro, ou melhor, do afro-descente. Como escreveu o historiador Joseph Kizerbo, um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um eterno errante. Trata-se de uma memória coletiva herdada, vivida e recriada, a ser projetada no futuro para transformar a sociedade.145 (MUNANGA, 2003, p.136).

Ao incorporar em sua escrita uma abordagem política e engajada, Clóvis Moura se insere como um dos grandes intelectuais do Brasil, com um trabalho sociológico-historiográfico inaugura uma interpretação dos estudos sobre a formação nacional e as lutas negras no processo histórico.

5. Considerações Finais

Intelectual negro orgânico da classe trabalhadora, Clóvis Moura foi um dos mais importantes teóricos sobre as resistências negra no Brasil, um intelectual que se dedicou a construir a tese do negro protagonista, político e subversivo ao sistema, uma vasta obra que necessita ser revisitada e debatida dentro e fora das universidades, embora um clássico, não tem ainda seu devido reconhecimento, um genuíno interprete do Brasil. Dessa forma, precisamos combater aquilo que, ngela Figueiredo e Ramon Grosfuguel (2007) chamam política do esquecimento, que consiste em mecanismo de apagamento das contribuições de autores e autoras negros para o campo do conhecimento. Seja no âmbito acadêmico ao não ser referenciado na bibliografia nos cursos de humanas que ainda utilizam em sua maioria de teorias eurocêntricas, deixando muitas vezes intelectuais orgânicos comprometidos com a realidade social brasileira de fora das discussões e debates, discussões essas que podem alargar o conhecimento dos estudantes e da população de maneira geral.

É nesse sentido que a construção do presente artigo se dispõe, a acrescentar e contribuir com o debate a reflexão e sobretudo o reconhecimento da importante trajetória intelectual de Clóvis Moura, por entender que seu legado é um instrumento importante de conhecimento cientifico que, se usado para alargar o debate sobre as relações raciais e os problemas sociais evidentes em nosso país, será de grande e importante reflexão para ajudar a entender e buscar soluções e explicações para nosso sociedade. Difundir a obra de Clóvis Moura não é apenas conceder prestígio e visibilidade ao autor, mas constitui uma contribuição efetiva para a causa antirracista. Além disso, representa a apresentação de uma perspectiva teórica inovadora na historiografia brasileira, cujos relatos permaneceram por longo período negligenciados.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Luiz Sávio de. (Org.). *O negro no Brasil*: estudos em homenagem a Clóvis Moura. Maceió: EDUFAL, 2003.

FARIAS, Marcio. *Clóvis Moura e o Brasil: um ensaio crítico*. São Paulo. Dandara Editora, 2021.

FIGUEIREDO, Angela; GROSFOGUEL, Ramón. *Por que não Guerreiro Ramos?* Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. Ciência e Cultura, v. 59, n. 2, p. 36-41, 2007.

GOMES, Rodrigo Portela. *Kilombo***:** uma força constituinte. 2022. 594 f., il. Tese (Doutorado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. In: *Conferência Anual do African Heritage Studies Association*. 1979.

MOURA, Clóvis. (1990). *As injustiças de Clio*. O negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros.

MOURA, Clóvis. *A sociologia posta em questão*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978

MOURA, Clóvis. *A quilombagem como expressão de protesto radical*. In: MOURA, Clóvis (org.). Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001. p. 103-115.

MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo. Editora Ática, 1989.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo. Brasiliense, 1987.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo. Editora Ática, 1988.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Cadernos PENESB nº 5, 2003*.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

Nascimento, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodiáspora*, p. 41-49, 1985.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Rio de Janeiro. 2009.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura. *Plural*, v. 18, n. 1, p. 45-64, 2011.

PEREIRA**,** João Pereira Batista Borges. Prefácios. In: MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra*. São Paulo: Edusp, 2004.

SOUZA, Mário Luiz. Intelectuais de esquerda e a questão racial em tempos neoliberais e pós modernos. **SER Social**, Brasília, v. 18, n. 38, p. 202-219, jan./jun. 2016.

TEIXEIRA, Elisa Ferreira. *Caminhos do exílio*: antirracismo e práticas emancipatórias nas trajetórias de Abdias Nascimento e Paulo Freire (1964-1981). (Dissertação de mestrado) Programa de pós-graduação em história, UFPB, 2021.

***

Sobre a autora:

Wanessa Horrana Francisca da Silva: Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba, graduada em História pela mesma instituição. Pesquisou junto ao Programa de Iniciação cientifica / PIBIC, o projeto: Mundo Negro, Mundo Atlântico: culturas históricas e intelectuais antirracistas na segunda metade do século XX, com os trabalhos: História e Cultura Histórica em Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura: sociabilidade, formação e trajetórias comparadas (1948-2003), e História e Cultura Histórica em Guerreiro Ramos e Amílcar Cabral: sociabilidades e trajetórias comparadas (1935-1983). Atualmente pesquisa Intelectuais Negros, Relações Raciais, História da África e Feminismo Negro.

***

Artigo recebido para publicação em: 28 de janeiro de 2024.

Artigo aprovado para publicação em: 27 de maio de 2024.

***

Como citar:

SILVA, Wanessa Horrana Francisca da. Quilombagem e práxis negra: Antirracismo e protagonismo negro na obra de Clóvis Moura. *Revista Transversos*. Dossiê: Intelectuais, movimento negro e antirracismo no século XX. Rio de Janeiro, nº. 30, 2024. pp. 39-57. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/81574. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2024.81574